

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F11	--
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Comunidade Mbyá-Guarani em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Terra Indígena Capivari – TI Capivari
MUNICÍPIO / UF	Palmares do Sul/RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

419 – Entrada aldeia Granja Vargas 2 479 – <i>Tekoá Yryapu</i> vista da lagoa 485 – <i>Karaí</i> corta fruto do <i>guembé</i> 488 – <i>Tekoá Yryapu</i> passeio de barco MIL – <i>Karaí</i> Agostinho e <i>karaí</i> Santo Lopes
--

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
Terra Indígena (TI) Capivari é área de quarenta e três hectares onde existe a aldeia <i>Tekoá Yryapu</i> (Aldeia do Murmúrio do Mar), localidade mais extrema do Tape depois de sair de São Miguel, já em pleno território do <i>Para Guaçu</i>, na fronteira leste da terra rezada pela Cosmo-Ecologia <i>Mbyá</i>. A extensão litorânea da Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> desde São Miguel Arcanjo não se explica apenas porque o <i>Karaí</i> (líder espiritual) Solano Almeida, residente na Reserva Indígena Inhapetum, tenha por cunhado o <i>Karaí</i> Agostinho Duarte, líder espiritual na <i>Tekoá Yryapu</i>. A ligação entre elas também passa pela participação de outras comunidades e acampamentos na corrente de relações, como é o caso da Terra Indígena Lomba do Pinheiro, onde mora a mãe e irmãos de Agostinho, além de outros vindos de São Miguel. A ligação entre elas também existe na circulação de seus membros em eventos de mobilização, seja se visitando, se reunindo em Porto Alegre ou então participando de reuniões nas diversas aldeias. Ao menos em duas oportunidades nos últimos meses (2006), a TI Capivari foi palco de reuniões congregando os <i>Mbyá</i> do Estado e representantes das instituições não-indígenas. Essa ligação se tornou ainda mais efetiva, ao ocorrer uma celebração do <i>Nhemongaraí</i> em janeiro de 2006 na <i>Tekoá Yryapu</i>, oportunidade acompanhada pelo registro produzido pela equipe que executa o INRC desde os <i>Mbyá</i> em São Miguel. TI Capivari é o nome administrativo de área homologada, em prol dos <i>Mbyá</i>, pelo presidente da República em 2001 (como a RI Inhapetum) com localização à margem da Lagoa da Lavagem, no distrito de Granja Vargas, Município de Palmares do Sul. Suas coordenadas geográficas são aproximadamente 30°21'30" latitude Sul e 50°22'10" longitude Oeste, ficando situada no litoral central do Estado, muito próxima ao litoral atlântico. <i>Tekoá Yryapu</i> abriga uma população média de 30 pessoas, habitando casas construídas por iniciativa do Governo do Estado com madeiras serradas e com telhas de barro. Existe apenas uma <i>Oó</i> (casa tradicional) hoje nessa aldeia. É uma comunidade assentada a poucos quilômetros do povoado de Granja Vargas, onde os <i>Mbyá</i> circulam regularmente para adquirir víveres necessários ao sustento, pegar o ônibus para outras localidades etc.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

Tekoá Yryapu é exemplo da recuperação feita pelos atuais Guarani, ocupando pequenas ilhas daquele amplo território outrora ocupado por seus ancestrais. Eles refizeram o percurso do Tape e alcançaram novamente o mar, vindos do centro do seu mundo cultural em direção ao oceano, que é entendido como a margem depois da qual a imortalidade pode ser encontrada.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

A aldeia *Tekoá Yryapu* está localizada na planície costeira central do Rio Grande do Sul, no extremo norte da península de Mostardas entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, às margens da Lagoa da Lavagem e ao lado da Lagoa da Porteira. A Terra Indígena fica a dois quilômetros da sede do distrito e do povoado de Granja Vargas, ocupada por colonos não indígenas. O acesso à terra indígena se faz através de estrada vicinal que interliga trevo da rodovia RST 101 até os balneários de Dunas Altas e de Quintão. Sua área compreende 43 hectares de solo arenoso, matas não muito densas, reflorestamento de eucalipto, banhado e orla de lagoas.

Sua população é de aproximadamente 30 pessoas, incluindo adultos e crianças (6 famílias), considerada de médio porte em comparação a outras comunidades *Mbyá* no Estado. A TI Capivari é afetada indiretamente pelos índices populacionais do Município de Palmares do Sul, cuja área é de 946,24 km² e cuja instalação ocorreu no ano de 1982. Palmares do Sul faz parte da Microorregião Metropolitana de Porto alegre, tendo 0,787 como Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD de 2000, quando sua população somava 10.854 habitantes. Pela tendência observada nas últimas duas décadas, o aumento absoluto da população vem acompanhado de um decréscimo absoluto do número de residentes na área rural, como se pode observar abaixo:

População Urbana: 1991 – 7.384

População Rural: 1991 – 3.864

2000 – 9.093

2000 – 1.761

As estimativas de crescimento populacional para o município de Palmares do Sul apontam 12.118 habitantes em 2005, com pequena elevação do número absoluto de moradores na zona rural. No período anterior, pouco aumentou a renda per capita, oscilando de R\$ 228,90 em 1991, para R\$ 233,71 em 2000. Os índices de pobreza para o Município podem ser observados na tabela abaixo:

PALMARES DO SUL – INDICADORES DE POBREZA

	1991	2000
% DE INDIGENTES	14,31%	13,10%
% DE CRIANÇAS INDIGENTES	20,23%	17,44%
INTENSIDADE DA INDIGÊNCIA	32,64%	66,99%
% DE POBRES	40,65%	29,77%
% DE CRIANÇAS POBRES	51,14%	40,35%
INTENSIDADE DA POBREZA	41,08%	49,15%

Embora a pobreza apresente índices preocupantes em Palmares do Sul, a Terra Indígena Capivari não é muito afetada pela indigência, porque o fenômeno se concentra na área urbana, havendo uma espécie de êxodo rural que beneficia os *Mbyá*, mantendo-os afastados da concentração populacional, condição fundamental para que o ambiente recupere suas características naturais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Terra Indígena Capivari situa-se na região fisiográfica da Planície Costeira Central do Estado, no compartimento ambiental da Península de Mostardas, ente a Laguna dos Patos e o Mar. Compreende a península que delimita a Laguna dos Patos na sua face leste, contra o Oceano Atlântico, até o balneário de Pinhal. Inclui os municípios de São José do Norte, Palmares do Sul, Mostardas, Capivari e parte de Viamão.

Caracterização da unidade físico-ambiental Este compartimento se caracteriza pelo colar de lagoas rasas, não conectadas, e banhados. No meio do compartimento se localiza a Laguna do Peixe, extremamente rasa (média de 30cm), cuja superfície e salinidade variam em função do aporte de água do oceano ou das chuvas. Esta laguna, foi decretada sítio RAMSAR em maio de 1993 devido a sua alta produtividade que dá suporte a uma rica e abundante avifauna, entre estas migrantes das famílias Caradriidae e Scolopaciidae. O Parque Nacional da Laguna do Peixe é um dos dois sítios RAMSAR brasileiros na zona costeira. Da mesma forma que o compartimento 1, esta região é intensamente utilizada para cultivo de arroz irrigado, que substituiu os ambientes naturais de campos alagados e banhados.

O conhecimento da biodiversidade deste compartimento refere-se especialmente à Unidade de Conservação da Laguna do Peixe e a avifauna do local (Resende e Leeuwenberg 1987, Antas *et al.* 1990, Macedo e Barbosa, 1998). As aves de valor cinegético vem sendo monitoradas (Menegheti *et al.* 1990, 1993, 1996, 1997, 1998, 1999), o mesmo ocorrendo com o cisne-de-pescoço-preto e a coscoroba Menegheti *et al.* 1988, 1991). Foram efetuados estudos sobre as populações de marreca-piadeira (*Dendrocygna viduata*) sua distribuição, preferência de habitat (Burger, 1996). As aves migratórias são permanentemente monitoradas na Lagoa do Peixe pelo IBAMA. O jacaré-do-papo-amarelo vem sendo objeto de estudo neste compartimento (Melo *et al.* 1997). Foram também realizados estudos limnológicos (Schafer *et al.* 1983) e sobre moluscos nas lagoas costeiras (Lanzer e Schafer 1984).

Distribuição, situação e uso da biodiversidade As áreas ainda preservadas deste compartimento estão bastante fragmentadas sobre uma matriz de área de cultivo de arroz, o que remete a uma comparação com o Compartimento 1, pois sofre os mesmos problemas. Várias espécies ameaçadas são encontradas na região, incluindo populações dos tuco-tucos endêmicos (gênero *Ctenomys*), uma espécie de lagarto (*Liolaemus occipitalis*), o jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), o cisne-do-pescoço-preto (*Cygnus melancoryphus*), a capororoca ou cisne-branco (*Coscoroba coscoroba*), o flamingo (*Phoenicopterus chilensis*), o maçarico-de-bico-virado, (*Limosa haemastica*) maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus*) e duas espécies de orquídeas (*Cattleya intermedia* e *C. tigrina*). A cancorosa (*Iodina rhombifolia*) e o gravatá (*Eryngium divaricatum*) ocorrem neste setor.

Principais vetores de pressão sobre a biodiversidade Neste compartimento a expansão da orizicultura destruiu quase completamente as extensas áreas de banhados, dos quais restaram fragmentos cercados por áreas de cultivo. Nos poucos banhados remanescentes a drenagem tem causado subsidência do solo (Waechter 1985). Outro grande problema são as extensas áreas de cultivo de *Pinus* sp., apesar de afetarem mais outros ecossistemas, também provocam impactos nas áreas úmidas pelo rebaixamento do lençol freático.

Unidades de Conservação do Compartimento Parque Nacional da Lagoa do Peixe, de jurisdição Federal, administrado pelo IBAMA, tem 34.400 ha que preservam os ambientes de laguna, banhados, dunas marismas e vegetação de restinga. É um dos quatro sítios RAMSAR brasileiros. Localiza-se nos municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte.

Há ainda o Banhado Grande, localizado junto a Vila Vargas (Colônia Rizícola 1 do Instituto Riograndense de Arroz-IRGA, no município de Palmares do Sul. Justificativa: Sítio de nidificação de jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*). Grandes concentrações invernais de Anatidae de interesse cinegético. (contagens de mais de 10 mil indivíduos) Fortemente pressionados pelas atividades agrícolas em expansão. Tipo de ambiente: Banhado, campos e campos alagados, cercados por lavoura de arroz e mata de eucalipto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

--

--

--

--

F11

--

Tendências sócio-econômicas Este compartimento ainda tem áreas em bom estado de conservação por ter baixa densidade demográfica, baixo índice de urbanização e taxas negativas de crescimento. Isto se deve muito a malha rodoviária precária da região. No entanto a principal via de acesso (BR-101) está sendo pavimentada, o que deve provocar um aumento da atividade econômica e aumento da urbanização pela criação de balneários e conseqüente impacto ambiental. Outra forma de impacto, com forte ameaça ao ambiente natural, a cultura local e a biodiversidade é a mineração, na localidade de Bojurú (município de São José do Norte), onde esta atividade está destruindo sítios arqueológicos.

Comprometimento da biodiversidade Os banhados deste compartimento estão muito comprometidos, enquanto as lagoas estão medianamente comprometidas, especialmente devido a retirada de água para as lavouras de arroz. Com a pavimentação da BR-101 este comprometimento pode se tornar grande devido ao turismo de fins de semana.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Opy (Casa de Reza): Localizada dentro da *Tekoá Yryapu*, centro cerimonial e religioso dos *Mbyá*. Suas paredes são de coloração escurecida, reproduzindo a cor do barro do solo local.

Oó (Casa Tradicional): Localizadas Dentro da *Tekoá Yryapu*, servindo de moradia para Augustinho e outros membros de sua família.

Canais de drenagem entre lagoas da porteira e da lavagem e Casa de máquina e canal de irrigação em Granja Vargas: Localização: No distrito de Granja Vargas, Município de Palmares do Sul, tendo por coordenadas 30°20'00"S e 50°21'30"W. Características: Sistema de drenagem para irrigação de lavouras de Arroz em Granja Vargas, composto por canais de ligação entre a Lagoa da Porteira e a Lagoa da Lavagem e, na margem oposta da Lagoa da Lavagem, existência de Prédio de casa de máquinas para impulsão de água para canal de irrigação que cruza o povoado de Granja Vargas. Estes marcos edificados interferem diretamente na vida dos *Mbyá* da *Tekoá Yryapu*, principalmente na interferência sonora constante do funcionamento das máquinas escutada na aldeia.

Marcos de Concreto Demarcando Terra Indígena Capivari, conforme descrição a seguir: Art. 1º Fica homologada a demarcação administrativa, promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da terra indígena destinada à posse permanente do grupo indígena Guarani Mbyá, a seguir descrita: a Terra Indígena denominada Capivari, com superfície de quarenta e três hectares, trinta e dois ares e quinze centiares e perímetro de três mil, quatrocentos e sessenta e cinco metros e noventa e cinco centímetros, situada no Município de Palmares do Sul/RS, circunscreve-se aos seguintes limites: NORTE: partindo do Ponto P-38A, de coordenadas geográficas 30°21'34,1479" S e 50°21'34,7778" WGr., situado na margem direita de um córrego formador da Lagoa da Lavagem, segue a jusante, até encontrar a citada lagoa, Ponto P-37, de coordenadas geográficas 30°21'33,3349286" S e 50°21'33,4255584" WGr.; daí, segue, margeando a mesma, até o Ponto P-14, de coordenadas geográficas 30°21'12,6726797" S e 50°21'12,4360786" WGr.; daí, segue pela margem direita de um canal que liga a referida Lagoa à Lagoa da Porteira, até o Ponto P-07, de coordenadas geográficas 30°21'14,0376998" S e 50°21'03,7757464" WGr., situado na margem da Lagoa da Porteira; LESTE: do ponto anteriormente descrito, segue pela margem da Lagoa da Porteira, até o Ponto P-01, de coordenadas geográficas 30°21'25,3234154" S e 50°20'59,1061056" WGr.; SUL: do ponto anteriormente descrito, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 224°06'22,66" e 34,45 metros, até o Marco M-04, de coordenadas geográficas 30°21'26,1315521"S e 50°20' 59,9990397"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 224°00'05,61" e 126,20 metros, até o Marco M-05, de coordenadas geográficas 30°21'29,0968236"S e 50°21'03,2635377"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 218°59'50,70" e 72,63 metros, até o Marco M-06, de coordenadas geográficas 30°21'30,9387528"S e 50°21'04,9632994"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 235°43'02,48" e 350,76 metros, até o Marco M-07, de coordenadas geográficas 30°21'37,4108121"S e 50°21'15,7778365"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 245°31'2767" e 415,95 metros, até o Marco M-08, de coordenadas geográficas 30°21'43,0787208"S e 50°21'29,9223467"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 232°30'00,87" e 144,64 metros, até o Marco M-09, de coordenadas geográficas 30°21' 45,9600774"S e 50°21'34,2022602"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 223°05'52,97" e 202,40 metros, até o Marco M-10, de coordenadas geográficas 30°21'50,7863414"S e 50°21'39,3514522"Wgr. (do ponto P-01 ao marco M-10, confronta com a propriedade do Sr. João Perdomínio); OESTE: do ponto anteriormente descrito, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 13°43'51,67" e 518,56 metros, até o Marco M-01, de coordenadas geográficas 30°21'34,3996282"S e 50°21'34,8469851"Wgr.; daí, segue por uma linha seca, com azimute e distância de 13°43'51,67" e 7,97 metros, até o Ponto P-38A, início da descrição deste perímetro (do marco M-10 ao ponto P-38A, confronta com a propriedade do Instituto Rio Grandense do Arroz - IRGA). Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SH.22-Z-A-II-3 Escala: 1:50.000 - DSG - 1979.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO
A Planície Costeira foi ocupada por grupos de caçadores e coletores litorâneos desde sua origem geológica, que ocorreu a partir do período holoceno inicial. A pesquisa arqueológica já encontrou sítios com datações que recuam a seis mil anos atrás no litoral sul brasileiro, nos chamados "Sambaquis". A partir do começo da Era Cristã, surgem grupos ceramistas no litoral, ancestrais dos Minuanos e Charruas na região de Pelotas e Rio Grande. Alguns séculos depois chegaram os conquistadores Guarani, criando aldeias nas orlas das lagoas e dos arroios que desembocam no mar, deixando registrado sua existência pela grande quantidade de cerâmica Tupi-guarani encontrada nas dunas do litoral. Com a chegada dos colonizadores portugueses, os índios Guarani da região foram chamados de Arachanes, Patos, dos Anjos e Carijós, boa parte deles levados como escravos pelos lagunistas que acompanhavam os jesuítas em sua obra evangelizadora no sul a partir de 1608. Enquanto os jesuítas espanhóis expandiam sua ação pelo oeste, os bandeirantes circulavam pelo planalto escravizando os índios arrebanhados pelos missionários. A obra jesuítica frutificou resultados mesmo com a violência dos portugueses, surgindo as vacarias com gado criado de forma selvagem e independente. Surgiu a Vacaria do Mar, os campos do sul tomados de rebanhos de gado. Essa riqueza econômica chamou a cobiça dos paulistas novamente para o sul, originando o ciclo do tropeirismo que consolidou a ocupação lusa do litoral sul. De Laguna, seguiram expedições para o sul, ocupando os campos de Tramandaí até São José do Norte, passando por Palmares do Sul e Mostardas. Depois da interiorização do caminho de tropas feito por Cristóvão Pereira, os campos de Viamão tornaram-se ocupados por portugueses e açorianos, afastando ainda mais as famílias Guarani sobreviventes para o interior de refúgios geográfico afastados da circulação dos agentes civilizados. A história da planície costeira é marcada por essa ocupação portuguesa muito remota, desconsiderando a existência de grupos indígenas a fim de realizar a ocupação privada das terras outrora de direito originário, realidade que deu origem à sociedade regional. A região de Palmares do Sul manteve-se fora de uma maior importância econômica depois do fim do ciclo do tropeirismo de gado, o que foi parcialmente remediado com a monocultura do arroz na região. O Estado do Rio Grande do Sul dispõe de áreas devolutas, áreas públicas que não foram repassadas a particulares, sendo uma delas transformada em estação experimental (IRGA) de produção de arroz na década de 1960, até que tal projeto fosse abandonado e a área deixada sem aproveitamento. Essa é a origem da área onde se criou a TI Capivari, disponibilizada aos Mbyá no final da década de 1990.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
200 d.C.	Aparecimento da Subtradição Pintada da Tradição Cerâmica Guarani no Alto Uruguai, espalhando-se do rio Ijuí em direção ao Alto Jacuí, centro do Estado do RS; isso indica a chegada dos primeiros Guaranis em expansão desde os rio Paraná e Paraguai, onde as datações da cerâmica Guarani são mais antigas.
1.609 d.C.	Jesuítas portugueses reduzem índios Guarani descendo pelo litoral desde Laguna (SC) atingindo a borda da antiga Província de Ibiacá, posteriormente arrebanhados como mão-de-obra escrava por bandeirantes paulistas. Jesuítas espanhóis introduzem gado no Paraguai.
1636 d.C.	Início do ciclo bandeirante na região do Tape (Depressão Central do RS; vales dos rios Ibicuí e Jacuí), traficando índios como escravos para as lavouras do litoral brasileiro. Gado é deixado livre ao sul do Rio Jacuí, se reproduzindo selvagem e formando a Vacaria do Mar.
1680 d.C.	Fundação da Colônia do Sacramento na margem esquerda do Rio da Prata. Quatro anos depois é fundado o povoado de Santo Antônio dos Anjos da Laguna (SC), para estabelecer a rota

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

	terrestre litorânea dos portugueses que tropeavam gado xucro trazidos da Vacaria do Mar. O tropeirismo provocou a fuga dos grupos guarani sobreviventes ao escravismo bandeirante para o interior, já que os portugueses se aliaram aos índios Minuanos.
1725 d.C.	Estabelecimento da frota de João de Magalhães vinda de Laguna, para criar a primeira sesmaria em Tramandaí, nos campos de Viamão;
1732 d.C.	O tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu cria rota mais interior, unindo Tramandaí a Santo Antônio da Patrulha e a São Francisco de Paula no planalto.
1736 d.C.	Fundação do povoado de Rio Grande, na desembocadura da Lagoa dos Patos.
1772 d.C.	Fundação da cidade de Porto Alegre, tornada sede municipal em 1808.
1828-1850 d.C.	Período compreendido pela historiografia como tendo ocorrido o desaparecimento e a extinção dos Guarani no Rio Grande do Sul.
1980-1990 d.C.	Desenvolve-se o processo de reconhecimento oficial de terras ao Mbyá-Guarani no Estado do Rio Grande do Sul. Efetiva-se o reconhecimento de São Miguel enquanto Patrimônio da Humanidade.
19.04.2006	Decreto Homologa Demarcação de TI Capivari (D.O.U.)

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa31 - Tekoá Yruapu Mapa32 - Tekoá Yruapu 2
--

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO
Decreto homologado pelo presidente da República e publicado no diário oficial da união de 19 de abril de 2001.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
TI Capivari é uma área de quarenta e três hectares, pequena para suportar uma aldeia de maior porte, ainda mais considerando a baixa fertilidade do solo da região. No entanto, sua posição junto às lagoas dá uma grande amplitude à vida da comunidade do <i>Tekoá Yryapu</i>, porque é uma comunidade <i>Mbyá</i> que fica na margem do mar, onde se escuta o bater de suas ondas, o bater da grande água na orla do <i>Para Guaçu</i>. A reprodução do <i>nhande rekó</i> na TI Capivari também depende da itinerância pelas lagoas, também depende do caminhar para além das cercas de arame farpado que os isolam dos recursos naturais necessários à reprodução de suas referências culturais. <i>Tekoá Yryapu</i> tem essa vocação de abertura ao infinito do horizonte marítimo, extremo oposto daquele caminho trilhado desde o centro do mundo <i>Mbyá</i>.

8.2. RECOMENDAÇÕES
Abrir o acesso aos <i>Mbyá</i> das áreas com recursos naturais, para que eles possam praticar suas estratégias de caça, pesca e coleta. Propiciar apoio material à realização do <i>Nhemongaraí</i> nos próximos anos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	A3.6 nº 01 - <i>Nhemongaraí</i> A3.6 nº 02 - Edificação: <i>Opy</i> A3.6 nº 03 - Edificação <i>Oó</i> A3.6 nº 04 – Lugar: <i>Tekoá Yryapu</i>
ANEXO 4: CONTATOS	Considerando a grande amplitude das relações entre as localidades, definidas pelo <i>tape</i> , o Anexo 4: Contatos é apresentado em arquivo único, e assim, refere-se à Ficha de Identificação Sítio (não estando dividido por localidades).
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F20.1 – Celebração: <i>Nhemongaraí</i>

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Adrián Campana, Carlos de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto de Souza, Mônica Arnt		
SUPERVISOR	Beatriz Muniz Freire		
REDATOR	Daniele de Menezes Pires José Otávio Catafesto de Souza	DATA 11/09/2006	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	José Otávio Catafesto de Souza		